

Aula 5

A QUESTÃO DA NAÇÃO E DO NACIONALISMO

META

O aluno deverá no final da aula saber as definições sobre o que é Nação e o que é Nacionalismo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Contextualizar a categoria Nação como elemento formador do Estado e suas internalidades que o unifica com território, soberania, etnia, raça e população.

- Abordar os elementos positivos e negativos do Nacionalismo e analisar alguns exemplos da História..

PRÉ-REQUISITO

O aluno deve dominar minimamente os conteúdos desenvolvidos nas quatro primeiras aulas, porém sabendo o conceito de Estado e um pouco do conhecimento histórico, ajudará no entendimento dessa disciplina.

José Eloízio da Costa

INTRODUÇÃO

A temática dessa aula é de extrema importância para a nossa disciplina, pois envolve um elemento central na formação dos Estados Modernos: a questão da nação. A expressão é bem conhecida, porém mal compreendida e muita vezes deturpadas, inclusive envolvendo elementos conceituais equivocados.

Sem dúvida nenhuma que essa categoria é complexa, mas certamente ela está relacionada com a modernidade, com o surgimento do capitalismo e com o fortalecimento político dos Estados.

A “questão nacional” sempre esteve no debate entre os historiadores, sociólogos, geógrafos políticos, ela pode não estar relacionada diretamente com a questão do poder; mas o Estado dessa referência para unificar o povo, consolidar o território e a soberania.

Nessa aula vamos analisar a questão da nação como elemento formador do Estado, mas dentro de uma abordagem mais simples, não adentrando-se nos contornos do complexo debate, e que apresentam bastante diferenciados na medida em que os exemplos são os mais diversos possíveis. A “nação brasileira” incorpora um processo histórico bem diverso da “nação alemã”. Elementos históricos, culturais e sociais envolvidos desenham realidades diferentes e merecem diferenças analíticas.

Vamos a aula.

Uma primeira questão a ser levantada é a origem dos estudos sobre a questão da Nação e também de sua percepção enquanto realidade na formação dos Estados.

Ela não é tão antiga, como muitos pensam. É claro, ela coincide com a modernidade. Modernidade no sentido do desenvolvimento da tecnologia, da formação das complexas organizações políticas (como o surgimento dos Estados) e unificação do mundo através do sistema capitalista. Logo, ela integra e coincide com o capitalista enquanto sistema de produção dominante. Mas, a nação vem antes do Estado. logo, entendemos que a nação é uma construção histórica de um determinado povo e o Estado seria formado posteriormente.

MAS O QUAL A CONCEITO DE NAÇÃO?

É claro que não temos um conceito universal. Na Enciclopédia Brasileira Mérito (1958-1964), a mesma define Nação como,

a comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a coletividades de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinadas a um poder central que encarrega de manter

a unidade do grupo; o povo de um Estado, excluindo o poder governamental (pág. 581).

Pela dicção que colocamos acima, esse conceito é bem aproximada para entender a nação como elemento formador do Estado. ou em outra expressão, como Estado-Nação. Esse conceito ainda é insuficiente, mas apresenta pistas da importância da Nação como elemento unificador dos povos. Uma delas é a ideia de tradição, hábitos, interesses comuns, e que dar sentido de comunidade ou de coletividade a um determinado povo.

Completando-se com a questão que a nação unifica, mas em si o poder não aparece em evidência. Ela é o lastro que dar sentido de viver coletivamente determinado povo, sem conflitos, solidários entre si e com visão de futuro.

Enfim, a noção de Nação representa a estabilidade de determinada sociedades territorialmente organizadas, dando assim caráter de homogeneidade cultural e de interesses comuns de um povo.

Para vários autores, a expressão apareceu efetivamente no século XIX. HOBBSAWM (1998) define precisamente o aparecimento dessa expressão, como os seguintes dizeres, inclusive extraíndo sua abordagem a partir da concepção metodológica da divisão da história a partir do século XIX: a Era das Revoluções, coincide com o aparecimento da “nação”:

Dada a novidade histórica do conceito de ‘nação’, sugiro que o melhor modo de entender sua natureza é seguir aqueles que, sistematicamente, começaram a operar com esse conceito em seu discurso político e social durante a Era das Revoluções, especialmente a partir de 1830, com o nome de princípio da nacionalidade... O significado fundamental de ‘nação’, e também o mais frequentemente ventilado na literatura, era político. Equalizava o ‘povo’ e o Estado à maneira das revoluções francesa e americana, uma equalização que soa familiar em expressões como ‘Estado-Nação’, ‘Nações Unidas’ ou a retórica dos últimos presidentes do século XX. (pág. 31).

O que se observa é que existe um marco histórico na preocupação dos estudiosos em relação ao alcance conceitual de nação. Mais ainda assim a dificuldade persiste. Porque a expressão estar vinculada com o poder político. E ainda aprofundar com a valorização do “povo”, e da vinculação com o território. Com bem diz o velho historiador britânico já citado acima HOBBSAWM (1998, pág. 32): “A equação nação=Estado=povo e, especialmente, povo soberano, vinculou indubitavelmente a nação ao território, pois a estrutura e a definição dos Estados eram agora essencialmente territoriais”.

Entretanto, esse consagrado historiador afirma essas limitações conceituais, mesmo reconhecendo a captura da expressão para consolidar os Estados, principalmente os estados europeus. E veja que o território também aparece como elemento central na formação dos Estados.

E aí perguntamos: a língua, a etnia, ou a raça, ou até mesmo a religião não poderiam aparecer como elementos formadores da nação, do Estado-Nação ou até mesmo do povo-nação?

Me parece um debate interessante na ótica da Geografia Política pois entra em um emaranhado de interpretações e de certa forma também ideológicas. Mas uma questão deve ser colocada: os elementos que destacamos acima são fundamentais para consolidar o Estado e com ele fortalecer a nação.

Como assim?

Sem dúvida nenhuma que a etnia, por exemplo, que representa aspectos culturais historicamente determinados e muitas vezes territorializados, contribui significativamente na formação de uma mentalidade consentida por um grupo social, que prima pela herança, por hábitos, que reproduzem na música, na literatura, na religião, na forma de vestir, etc. tudo isso, como forma de se viver e principalmente diferenciar-se em relação às demais culturas..

Soma-se também outros elementos que podem definir uma nação, como a língua, porém esse elemento seria conceitualmente mais frágil, decorrente da possibilidade de existirem mais de uma língua em um mesmo grupo social; além da sua maior derivação, que são os dialetos. Mas de qualquer forma é um elemento definidor.

No que se refere à raça, a questão ainda é mais complexa na medida em que estabelece parâmetros onde a prioridade é preservar valores que levam em consideração sua constituição física, como cor, tradição, etc.

Mas esses elementos podem não influenciar na formação de um povo ou de um Estado. É o caso dos Estados Unidos. Não podemos abertamente dizer que existe uma “nação americana” a partir da etnia, raça ou religião. O processo de formação histórica dos Estados Unidos não vai na direção da formação interesses comuns vindos dessas variáveis.

E como estamos tratando de formação, a questão histórica é muito importante nesse processo e países como os Estados Unidos passaram por situações “revolucionárias”, principalmente na questão da luta pela independência. Extraímos essa questão também do velho historiador britânico HOBBSAWM (1998), o mesmo afirma que:

Não podemos, portanto, ler na nação revolucionária nada parecido com o programa posterior de estabelecer Estados-nações para corpos (sociais) definidos em termos de critérios tão intensamente debatidos pelos teóricos do século XIX, tais como etnicidade, língua comum, religião, território e lembranças históricas comuns...Como vimos, exceto para um território de extensão indefinida (e talvez a cor da pele) nenhum desses critérios uniu a nova nação americana (pág. 33).

Por outro lado, vários autores discutem exaustivamente um tema muito comum nas ciências sociais: a “questão nacional”. Ou seja, enquanto

na Geografia temos um tema inesgotável como a “questão regional”, na História ou na Ciência Política, a questão da nação é um elemento central na formação dos Estados modernos.

E mais uma vez perguntamos para o aluno:

Historicamente, a Nação veio antes do Estado. Isso é fácil entender. O problema é esse: podemos dizer que podem existir Estado sem Nação? porque também é fácil que muitos Estados tem várias Nações.

VAMOS AGORA DISCUTIR O NACIONALISMO

Além da questão da nação é importante analisarmos sua maior derivação: o nacionalismo. Expressão mal compreendida, com certo temor, porque recorda momentos tristes da história mais recente, como a questão da ascensão do nazismo e tudo que sabemos desse período negro do século XX.

Lembrar que nacionalismo é diferente de nacionalidade, como também é diferente de patriotismo. Nacionalidade e patriotismo têm mais a ver com valores que identificam com o brasão do país, do hino nacional, ou da bandeira. Podemos dizer que são expressões “militarizadas”.

Quanto ao nacionalismo, aí a questão é mais complexa, pois envolve um conjunto de fatores que repercutem nos rumos e nos destinos da nação, podendo alterar até a estrutura do Estado.

Nacionalismo é a identidade de um povo em defesa de seus valores, tradição, história e orgulho, marcado principalmente pelas diferenças do povo em relação aos outros Estados. Porém tem um valor político relevante, pois tem relação direta com o poder, mas também na defesa do país. Nacionalismo é marcar diferença em relação às outras nações e identificar o Estado, a nação, a história e seus valores construídos na história, e que deságua no orgulho nacional.

E AÍ PERGUNTAMOS: EXISTE NACIONALISMO NO BRASIL?

É uma questão difícil de ser respondida, até porque a realidade brasileira é complexa e de certa forma confusa, pois a nossa formação histórica é diversa e vários séculos foram a referência de levas de migrantes vindos de várias partes do mundo. Daí diversidade étnica, cultural, religiosa e até mesmo política.

É interessante, mas não contribuiu para a formação do nacionalismo brasileiro. Mas ao mesmo tempo isso pode ser um fator positivo, pois o nacionalismo na história foi um dos motivos para a deflagração de guerras. Daí ser uma vantagem do baixo nacionalismo brasileiro.

Vamos fechar essa questão com os aspectos positivos e negativos do nacionalismo.

Aspectos positivos:

1. identidade nacional – é um aspecto determinante na questão do nacionalismo e tem a ver com a identidade de uma nação. Seu povo tem orgulho de sua própria nação, com venerado respeito a sua história, seus heróis e os símbolos nacionais, o território aufere também sua identidade e a defesa de qualquer “invasão externa” é um elemento de consentimento entre os nacionais (o povo), inclusive com possibilidade de pegar em armas para a “defesa nacional”.

2. alta auto-estima – essa característica é típica de países de maior tradição nacional, e que já passaram por situações de guerra e de “regeneração nacional”. Podemos destacar o Japão, a Alemanha e a Inglaterra. São países de sólidas tradições nacionais. Ou seja, mesmo com a modernização, dos avanços tecnológicos, da globalização da economia, esses países preservam seus valores, principalmente a história e os valores culturais. O que tem como resultado o orgulho nacional e a alta auto-estima de seu povo, em especial diferenciando-se em relação aos “outros”.

Veja um fato: na Inglaterra, seus nacionais tem orgulho de serem chamados de “ingleses”, inclusive quando estão fora de seu país. e jamais pensam numa frase bem conhecida entre nós: “eu tenho vergonha de ser inglês”. Isso não existe lá. Já entre nós, “eu tenho vergonha de ser brasileiro” é uma marca comum, inclusive é apoiada por muitos brasileiros. O que mostra a nossa cavalgar baixa auto-estima.

3. Estabilidade social – é claro, a homogeneidade de valores, a pouca diferença étnica, racial, religiosa e padrões comportamentais, além da confiança nas instituições do Estado, estabilizam a sociedade. Veja o caso das duas grandes guerras, de um país de alto nível cultural como a Alemanha, mas... o “orgulho alemão” falou mais alto em mobilizar milhões de pessoas na marcha para as duas guerras mais sangrentas da história. Ou seja, o orgulho nacional tinha mais força do que o medo da morte.

Agora veja o caso brasileiro. Faça uma enquete entre os colegas e veja se algum “brasileiro” toparia ir a uma guerra para defender a “bandeira nacional”. Nisso duvidamos e mesmo em situações de guerra, a “covardia” brasileira é uma característica.

Agora vamos abordar os aspectos negativos do nacionalismo

Aspectos Negativos:

1. intolerância ao “diferente” – é uma característica profundamente negativa do nacionalismo. Como a identidade nacional é forte, o “outro” não pode ser aceito ou sequer respeitado. O país e seu povo em primeiro lugar. Depois vêm os demais. Isso cria situações de intolerância, de discriminação e paulatinamente poderá chegar a uma situação de ódio a quem não é nacional. E quando existem problemas no país (como desemprego, inflação, crise econômica, etc.), a culpa sempre é dos “outros”

É o que acontece em nossos dias em alguns países europeus, quando o espírito nacionalista é travestido de xenofobia, do tipo “fora muçulmanos”, “fora latinos”, etc.. realmente é um grande perigo.

2. Apologia a violência e a guerra – é a situação mais extrema do nacionalismo. Iniciada com a intolerância e da rejeição cotidiana de quem não faz parte da “sociedade nacional”. E seu aumento poderá levar a um quadro insustentável, com uso de instrumentos mais radicais, como a violência em seu território e a disposição para a guerra. Esse seria o veneno maior do nacionalismo.

Vamos a conclusão.

CONCLUSÃO

Nessa aula discutimos dois temas interessantes: a questão da nação e do nacionalismo. Procuramos construir um conceito, mas sem muito preocupação em fechá-los.

Agregamos também exemplos aplicados para esses dois quadros que tem muito a ver com a Geografia Política, em especial na relação para a formação dos Estados.

Um fator importante nesse processo, que tem natureza histórica, é a relação da nação no processo de formação dos Estados. É um fator identificador e consolida o Estado, tornando mais fácil para as lideranças políticas. Entretanto a questão da nação é muito mais ampla do que propriamente sua relação com o Estado. Daí agregarmos fatores ligados aos aspectos culturais, da etnia, da raça e a questão religiosa.

Na mesma esteira relaciona-se com a complexidade que envolve o nacionalismo, e tentamos fazer uma leitura a partir dos aspectos positivos e negativos.

Finalmente podemos afirmar que o tema que trabalhamos nessa aula é um complemento muito importante na abordagem da formação dos Estados, principalmente os Estados europeus, que são organicamente os mais antigos.



RESUMO

A questão da nação não é tão antiga como muitos pensam, mesmo que tenham relação com tradição, unidade, padrões culturais e esses processos são bem antigos. Um primeiro aspecto é o conceito de nação e isso tem a ver como um dos principais fatores na formação dos Estados. Esse conceito ainda é insuficiente, mas apresenta pistas da importância da Nação como elemento unificador dos povos. Uma delas é a ideia de tradição, hábitos, interesses comuns, e que dar sentido de comunidade ou de coletividade a um determinado povo. A noção de Nação representa a estabilidade de determinadas sociedades territorialmente organizadas, dando assim caráter de homogeneidade cultural e de interesses comuns de um povo. A Nação veio antes da formação do Estado e podemos perceber que a Nação pode existir sem o Estado, mas não pode existir o Estado sem Nação. E tem o Estado que possui várias nações. No que se refere ao nacionalismo, a questão é ainda mais complexa. Podemos lembrar que nacionalismo é diferente de nacionalidade, como também é diferente de patriotismo. Nacionalidade e patriotismo têm mais a ver com valores que identificam com o brasão do país, do hino nacional, ou da bandeira. Podemos dizer que são expressões “militarizadas”. Para a abordagem do nacionalismo, levamos em consideração seus aspectos positivos e negativos. Nos positivos destacamos três: a identidade nacional, a alta auto-estima e a estabilidade social. No que se refere aos aspectos negativos, analisamos dois: intolerância ao diferente e a forte tendência a apologia à violência e à guerra.



ATIVIDADES

O aluno deverá resolver a seguinte questão:

- Fazer uma pesquisa na internet, na questão que discutimos no desenvolvimento da aula, particularmente na questão do nacionalismo brasileiro. Porque o nosso nacionalismo é tão frágil? Enviar a resposta para o tutor, como colocamos no nosso planejamento.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A atividade proposta é muito importante, porque associa o debate que desenvolvemos na aula, na questão da nação e do nacionalismo, e o exemplo do Brasil. É claro que a definição de uma nação brasileira é difícil, mas o nacionalismo é mais difícil estabelecer uma definição. Discutir essa questão é muito interessante e tem muito a ver com nossa formação política e cultural.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, a de número 6, vamos tratar de um tema incomum. A leitura da Constituição Federal na perspectiva da Geografia Política. É um tema interessante na medida em que vamos identificar os temas territoriais em nível constitucional.



AUTOAVALIAÇÃO

O tema desenvolvido é recorrente na disciplina Geografia Política. Porém é um assunto interdisciplinar e tem maior relação com a questão não apenas na formação do Estados modernos, mas também da sua consolidação. Para o aluno, o nacionalismo seria um mal ou um bem para a humanidade?

REFERÊNCIAS

- EVANS, Richard J. O Terceiro Reich no Poder. São Paulo: editora Planeta. 2011.
- Karl Haushofer (1869-1946). <http://www.maltez.info>. Acesso à internet em 27/02/2012.
- ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, 1958-1964.
- HOBBSAWM, Eric J. A Era das Revoluções. São Paulo, editora Paz e Terra, 1995.
- HOBBSAWM, Eric J. Nações e Nacionalismo desde 1780. São Paulo, editora Paz e Terra, 1998.